

CANTOS DE RESISTÊNCIA E VITÓRIA

Em tempos de império e imperialismo

Daniel S. Pereira*

*Morrer não é difícil
Difícil é viver
a vida e seu ofício
Maiakosky*

Há momentos na vida humana nos quais se chega ao que poderíamos denominar situações limite e, por vezes, tem-se a tentação de desistir de lutar ou desistir da vida mesma. Aliás, esta é a única perspectiva na vida de milhares de pessoas: deitar-se e aguardar a própria morte, como o fazem as pessoas empobrecidas em países como Etiópia; ou queimar o próprio corpo, como última forma de resistência ao sistema frente ao capitalismo selvagem que impera em nossos dias.

A partir de situações, como a que acabamos de descrever, que irrompem do nada e quebram a lógica dos acontecimentos, nos perguntamos: como entoar um hino em meio a tantas adversidades?

A resposta não é simples, afinal, não se reconstrói a esperança de um povo de maneira mágica e nem são simples hinos que haverão de erguer as massas em movimento revolucionário. Mister se faz conhecer o próprio movimento da histórica e antever possibilidades, que talvez há cinco minutos atrás não existiam. A vitória ainda é incerta, porém, razão pela qual é preciso construir as condições objetivas para que ela se torne realidade.

Tentando, pois, responder aos questionamentos que a vida mesma nos suscita, nossa análise haverá de tomar como referência o hino de Apocalipse 19,1-10. A partir dele procuraremos estabelecer, tanto quanto possível, uma ponte com os hinos e cânticos que animaram ou animam o povo nas suas lutas.

* Daniel S. Pereira é Teólogo, Mestre em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia. Atualmente atua como militante do MST – Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra.

1. Tirando o véu...

Antes mesmo de adentrar-nos no relato de Apocalipse 19,1-10, importa lançar um olhar sobre o contexto no qual ele surge, percebendo nas entrelinhas dos acontecimentos aquilo que não dito, que não é contado, ver as pessoas que não são lembradas porque ninguém delas fala. Trata-se, pois, de olhar para história enquanto palco de lutas¹, olhar para o modo de organização social vigente naquele tempo, para as estruturas de poder e dominação bem como para as formas de resistência suscitadas.

1.1 *Pax dabo vobis* – “Eu vos darei a paz”

O império romano (753 aC-476 dC) conheceu três formas diferentes de organização política, a saber: Monarquia (753-509 aC), República (509-27 aC) e Império (27 aC-476 dC) e manteve sob seu controle uma população de aproximadamente sessenta milhões de habitantes, num território que abrangia quase toda Europa, Ásia Central e Norte da África. Ora, para compreender como foi possível manter um controle tão grande, mister se faz olhar para quatro elementos fundamentais:

a) *O modo de produção escravista*

Constituiu a econômica do Império, para o qual exigiu o estabelecimento da propriedade privada e possibilitou o surgimento de desigualdades sociais, num primeiro momento, e de classes sociais, num segundo momento, quando o modo de produção escravista encontrava-se já consolidado.

Trata-se, portanto, de uma sociedade profundamente estratificada, em cujo ápice situa-se a aristocracia, enquanto que a base é composta por uma ampla camada de pessoas empobrecidas. Nela distinguiam-se, entre outras coisas, os seguintes grupos: escravos, libertos, mulheres, camponeses e pessoas estrangeiras².

No tocante aos homens livres, devemos dizer que na sociedade romana o poder econômico, político e ideológico encontra-se diretamente ligado à figura do homem. Porém, não se trata aleatoriamente de qualquer homem, mas exclusivamente daqueles que eram livres. Dentro deste grupo destacavam-se os chamados *cidadãos romanos*³, os quais concentravam uma série muito grande de privilégios.

Ora, os homens livres constituíam uma classe superior, e dentre os diversos privilégios que possuíam, um deles era o de não ter necessidade de trabalhar. Consequentemente dependiam da mão de obra escrava, sobre a qual fizemos referência anteriormente.

Há um segundo grupo de pessoas que se dedicava à pequena agricultura ou vivia do artesanato e do comércio. Trata-se de um grupo que, embora em situação privilegiada com relação àquela dos escravos, não possuía grandes bens, mas ao contrário

1. Karl MARX. Manifesto do Partido Comunista. In: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/cap1.htm>

2. Cf. Eduardo ARENS. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João. Aspectos Sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento*, p. 46-87.

3. Frequentemente confundem-se estas duas categorias de pessoas. No entanto, a cidadania romana será estendida a todos os homens livres do império somente no governo do imperador Caracala (211-217 aC).

disso, esforçava-se sobremaneira para não cair na escravidão, o que podia ocorrer entre outras coisas no caso de contraírem dívidas que não pudessem vir a ser pagas.

O terceiro grupo, talvez o mais importante de todos, é aquele formado por pessoas escravizadas, consideradas como coisas, instrumentos animados, propriedade do senhor que possuía poder absoluto sobre eles. De acordo com o poder aquisitivo de uma família, o número de pessoas escravas podia ser muito elevado⁴. Como não era costumeiro aceitar pessoas estranhas no convívio familiar, as pessoas escravizadas eram introduzidas nesta mediante um conjunto de ritos religiosos cuja finalidade era mantê-las ligadas ao seu dono pelo resto da vida, mesmo quando conseguiam libertar-se⁵.

O cotidiano destas pessoas era o de estarem submetidas a formas extremas de violência e humilhação, conforme se observa no seguinte relato:

E aos infelizes escravos nem então lhes é permitido sequer mover os lábios para falar. A vara abafa qualquer murmúrio. Não há exceção, nem mesmo para os ruídos involuntários como o acesso de tosse, espirros ou soluços. O silêncio interrompido com qualquer som é castigado brutalmente. Durante a noite inteira ficam ali em jejum e mudos [...] Enquanto nós estávamos reclinados para jantar, um enxugava os escarros; outro, inclinado, recolhia o resto dos vômitos dos convivas bêbados de vinho; um terceiro trinchava aves raras, e conduzindo sua mão hábil pelo peito e coxas das aves raras, as cortava em pedaços⁶.

A partir do relato temos uma imagem nítida do modo como as pessoas escravizadas eram tratadas, com extrema violência.

b) O sistema tributário

Uma segunda forma de dominação exercida sobre as províncias conquistadas estava dada pela arrecadação de impostos. Neste sentido, o império romano dispunha de dois tipos diferentes de impostos, que eram cobrados anualmente: o primeiro deles era o *tributum capitis* correspondente a um denário e mais uma porcentagem sobre os bens não agriculturáveis; o segundo era o *tributum soli*, que taxava a produção agrícola, e era bastante oneroso, pois representava entre 20% a 30% do que alguém conseguia produzir⁷.

4. Cf. Sarah POMEROY. *Diosas, ramerias, esposas y esclavas. Mujeres em la antigüedad clásica*. Madrid: Akal, 1987, p. 214.

5. Cf. Fustel de COULANGES. *A cidade antiga*. São Paulo: Hemus, 1975, p. 90.

6. SÊNECA apud Reinhold A. ULMANN. *O estoicismo romano. Sêneca-Epicteto-Marco Aurélio*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 35-37.

7. Cf. Guy. BURTON. Government and the Provinces. In: John WACHER (ed), *The Roman World*, Vol I, London and New York: Routledge and Kegan Paul, 1987, p. 427. Mark HASSALL. Romans and non-Romans. In: *The Roman World*, Vol II, London and New York: Routledge and Kegan Paul, 1987, p. 690. Uwe Wegner, Jesus, a dívida externa e os tributos romanos. In: Ivoni RICHTER REIMER (org). *Economia no mundo bíblico: Enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: Cebi/Sinodal, 2006, p. 119.

A arrecadação destes tributos destinava-se a manter os privilégios dos chamados cidadãos romanos. Servia também para o sustento do numeroso exército que o Império possuía, o qual chegou a alcançar entorno de 560.000 soldados.

Conseqüentemente, a arrecadação de impostos implicará no aumento da concentração das terras e no empobrecimento progressivo do povo. Com isto, as famílias foram perdendo suas terras, que paulatinamente passaram às mãos dos romanos e ou das elites locais, que eram subservientes a eles⁸.

c) *A pax romana*

O termo latino *pax romana* foi utilizado para denotar um longo período de paz vivido pelos romanos e conquistado graças à presença militar ostensiva e ao autoritarismo sobre os povos por eles conquistados. Ela corresponde ao período histórico que vai de César Augusto (29 aC) até a morte de Marco Aurélio (180 dC).

As chamadas legiões romanas, compostas de aproximadamente 2000 a 3000 homens, eram responsáveis pela repressão violenta de toda e qualquer forma de sublevação.

Além disso:

uma estratégia utilizada pelos romanos para a manutenção do poder a partir da idéia da Pax Romana era a concessão de pequena parcela de liberdade política às elites locais, a fim de evitar a sublevação. Estes grupos, formados por um pequeno número de pessoas, conseguiam controlar e harmonizar a área a partir de seus próprios padrões culturais, mas quando necessário contavam com o apoio de Roma⁹.

Em síntese, a *pax romana*, foi o modo por excelência de manter o controle dos territórios conquistados, o que se traduz na condenação de inúmeras pessoas a uma dominação servil e escravocrata.

d) *O culto ao imperador*

Uma maneira, por vezes sutil, de impor a dominação sobre um grupo ou sobre uma classe, vem constituída pela dominação ideológica, na medida em que ela inverte, obscurece e naturaliza a realidade, de modo a justificar a ordem vigente. No caso específico do império romano, esta vem dada pela obrigatoriedade do culto ao imperador,¹⁰ cujas raízes talvez se encontrem no mundo egípcio ou no período da dominação helênica¹¹.

8. Cf. Nestor O. MIGUEZ. Contexto sociocultural da Palestina. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 22, 1995/3, p. 24-25.

9. Cf. Gilvaldo Mendes RIBEIRO. *Culto Imperial e o Apocalipse de João. Uma análise exegética de Ap 13, 1-8*, p. 101-102. In: http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1083

10. Vale ter presente aqui que o preceito de culto ao imperador não foi um elemento que atingiu somente aos cristãos, assim como as reações a este preceito não virão somente deles, mas também de outros grupos, muitos dos quais, inclusive, haverão de reagir de maneira mais forte e radical que os próprios cristãos.

11. Cf. Gilvaldo Mendes RIBEIRO. *Culto Imperial e o Apocalipse de João. Uma análise exegética de Ap 13, 1-8*, p. 103. In: http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/ted_busca/arquivo.php?codArquivo=1083

Vale destacar que:

O importante papel político exercido pelo Culto Imperial está evidente em seu estabelecimento nas novas terras conquistadas. Os espaços utilizados para rituais relacionados ao Culto Imperial, geralmente, eram os centros das cidades que estavam integrados ao centro da vida econômica, política social e religiosa [...] Uma das funções mais importantes do Culto Imperial na configuração da ideologia política do Império era a criação de sentido de pertença entre os habitantes da província e o centro do poder. O Culto Provincial dedicado ao Imperador permitia uma promoção política e militar dentro da esfera do poder¹².

Além dos elementos destacados, o culto imperial também significou a possibilidade das elites das províncias obterem benefícios, tanto em termos políticos, quanto em termos econômicos, a partir do momento em que elas manifestaram sua lealdade ao imperador¹³.

1.2. As comunidades cristãs da terceira geração e o império

A situação vivida pelas comunidades cristãs, de modo geral, não é diferente daquela que enfrenta o conjunto do povo. Trata-se, portanto, de uma situação adversa, vinculada às diferentes formas como o império romano mantém o seu domínio sobre as províncias conquistadas.

No entanto, em determinados momentos, esta situação ganha aspectos específicos, como é o caso do culto imperial ao qual os cristãos, entre outros, opunham-se. Esta oposição suscitou uma perseguição direta, conforme o atesta o seguinte relato:

Jamais tomei parte dos processos contra os cristãos e, portanto, não sei se é como se costuma punir e interrogar... Outros, apontados nominalmente por um delator, admitiram que eram cristãos e, logo depois, o negaram, dizendo que tinham sido, mas não o eram mais... Afirmavam, ainda, que todo o seu crime ou erro teria consistido no fato de que costumavam reunir-se em um dia determinado da semana, antes do sol se levantar, e cantavam um hino a Cristo como a um Deus... Muitos, com efeito, de todas as idades e classes sociais e de ambos os sexos, correm e correrão ainda tal risco. Não só pelas cidades, mas também nas aldeias e nos campos, difundiu-se amplamente o contágio dessa superstição, que se pode ainda deter e corrigir¹⁴.

A passagem acima nos fornece vários dados significativos:

- a) Que os processos contra os cristãos já vinham ocorrendo há algum tempo, uma vez que a notícia a respeito do comportamento dos cristãos, bem como as medidas tomadas contra eles já são do conhecimento de Roma;

12. Gilvaldo Mendes RIBEIRO. *Culto Imperial e o Apocalipse de João. Uma análise exegética de Ap 13, 1-8*, p. 106. In: http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1083

13. Cf. idem, p.105.

14. Plínio apud Ildo BOHN GASS (org), Curso de Bíblia por Correspondência, ST, M13. São Leopoldo, CEBI, 2004, p. 9.

- b) A punição é colocada em primeiro lugar, e somente depois o interrogatório, o qual se relaciona diretamente com o ato de delação, o que deixa transparecer a existência de um sistema de controle social bastante aperfeiçoado;
- c) A atitude de negar a prática cultural vem a confirmar que o fato de alguém reconhecer-se como cristão tinha sérias consequências na sua vida. E aqui, é importante salientar que, diferentemente do que em geral se afirma, não há uma apostasia, mas a negação de pertença a um determinado grupo social;
- d) Três parecem ter sido os fatos que incomodam ao império: a prática cultural, a consideração de Cristo como Deus e a ampla difusão que o cristianismo vinha tendo, tanto na cidade quanto no campo.
- e) Uma resposta lógica parece decorrer: a perseguição e o castigo são necessários para *deter* e *corrigir* aquela superstição.

2. Cantar a vitória em meio a uma derrota esmagadora: Alienação ou resistência?

A situação de opressão e exploração suscita respostas as mais diversas: alienação, fuga, resistência, enfrentamento, entre outras. Respostas que não ocorrem de maneira automática, mas que dependem de diferentes condicionantes e que por vezes acabam inclusive sendo ineficientes ou inoperantes, seja por um erro de leitura da realidade, seja porque a força do inimigo é maior.

No contexto específico do Império, houve também diferentes formas de reação. Houve quem se beneficiou da situação (elites), houve quem partiu para o enfrentamento, seja numa ação mais individualizada, como a dos sicários¹⁵, seja numa ação coletiva, como a da guerra judaica¹⁶. Mas, qual foi mesmo a reação dos cristãos? Será que os relatos bíblicos deixam transparecer algum elemento que aponte neste sentido?

2.1. Apocalipse: palavra profética em tempos do Império

Um olhar panorâmico sobre o livro do Apocalipse nos transmite uma noção bastante precisa da situação vivida pelas comunidades. Assim, percebe-se que:

A perseguição era violenta (12,13.17; 13,7). Havia prisioneiros (2,10) e muitos já haviam sofrido o martírio (2,13; 6,9-11; 7,13-14; 16,6.17; 18,24; 20,4). Era muito difícil manter a fé (2,3-4). O controle da polícia era total; ninguém podia escapar de sua vigilância (13,16). Quem não apoiava o regime do Império, não podia vender nem comprar nada (13,17). A propaganda era enorme (13,13) e se infiltrava nas comunidades (2,14.20). O imperador era apresentado como se

15. Os *sicários* surgem no período de Antônio Félix (52-60 dC) e recebem o seu nome em decorrência do uso de uma sica (adaga curta e curva) escondida entre as suas roupas. Este grupo misturava-se entre a multidão, eliminando a romanos e colaboradores destes.

16. Neste processo, devemos destacar o papel desempenhado pelos *zelotas*, grupo de origem judaica, cujo nome decorre do zelo pela lei. Este grupo pretendia a todo custo a expulsão dos romanos da Palestina, para o qual organizaram diferentes sublevações, dentre as quais se destacam a Primeira Rebelião Judaica (66-67 dC), que levou à destruição de Jerusalém. O último foco de resistência conhecido foi o da fortaleza de Massada, que é derrotado em 73 dC.

fosse um novo Jesus. Diziam até que ele tinha ressuscitado (13,3.12.14). A terra inteira o adorava como se fosse um deus e apoiava seu regime (13,4.12-14)¹⁷.

Diante dessa situação, resultava impossível falar diretamente da opressão, tornava-se necessário usar uma linguagem que o inimigo não conhecesse, mas que fosse conhecida pelas comunidades. Trata-se, diríamos nós, de uma linguagem velada que foi adotada pelas comunidades do discípulo amado perante a violenta perseguição que vinham sofrendo. O livro do Apocalipse constitui um exemplo específico deste tipo de linguagem.

A começar pelo nome, que significa “revelação” ou mesmo “tirar o véu”. Mas, de que revelação falamos? Basicamente, o conteúdo do livro do Apocalipse situa-se dentro da perspectiva profética, no sentido de colocar em evidência a opressão exercida pelo império romano. Neste sentido, ele cumpre uma função fundamental que é a de fortalecer a resistência e suscitar uma atitude militante, de clara oposição ao sistema.

Um outro elemento que não pode deixar de ser assinalado diz respeito à simbologia que o livro do Apocalipse apresenta. Neste sentido, ao contrário do que possa se pensar, tais imagens não foram colocadas no livro para suscitar medo. E mais do que isso, elas fazem referências a pessoas concretas ou ao sistema vigente naquele período. Assim, por exemplo, as bestas (Ap 13) fazem referência direta ao imperador e ao sistema de dominação romano; o dragão simboliza o poder que um determinado imperador do sistema possui. Ainda os números guardam dentro de si um simbolismo, podendo representar a imperfeição (666), ou lembrar das 12 tribos de Israel ou o povo em geral (144.000).

Por último, o Apocalipse tem por objetivo fazer com que as comunidades mantenham-se coesas. De fato, naquele período começam a surgir diferentes correntes, algumas das quais deram origem a movimentos de caráter gnóstico. Ao mesmo tempo, a reação das comunidades perante a situação vivida é diferente: umas perdem o fervor, outras sentem medo, outras enfrentam a perseguição de maneira mais contundente.

É perante toda esta diversidade de situações e adversidades que Apocalipse procura dar uma resposta, a partir da própria experiência de fé vivida pelas comunidades, uma experiência na qual a fé e a vida cotidiana encontram-se intimamente relacionadas.

2.2. Céus e terra proclamam um cântico de vitória

Nossa análise chega a seu ponto central, ou melhor, à perícopa de Apocalipse 19,1-10:

¹ Depois destas cousas, ouvi no céu uma como grande voz de numerosa multidão, dizendo: Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus, ² porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos

17. Carlos MESTERS. *Esperanza de un pueblo que lucha. El apocalipsis de San Juan: una clave de lectura*, p. 26 (Texto traduzido da versão digital).

seus servos ³ segunda vez disseram: Aleluia! E a sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos. ⁴ Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus, que se acha sentado no trono, dizendo: Amém! Aleluia! ⁵ Saiu uma voz do trono, exclamando: dai louvores ao nosso Deus, todos os seus servos, os que o temeis, os pequenos e os grandes. ⁶ Então ouvi uma voz numerosa, como de muitas águas e como fortes trovões, dizendo: Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-poderoso. ⁷ Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória porque são chegadas as bodas do cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, ⁸ pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque linho finíssimo são os atos de justiça dos santos. ⁹ Então me falou o anjo: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do cordeiro. E acrescentou: são estas as verdadeiras palavras de Deus. ¹⁰ Prostrei-me ante os seus pés para adorá-lo. Ele, porém, me disse: Vê, não faças isso; sou conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus; adora a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia.

A perícope, acima, representa a conclusão de um bloco maior, iniciado em 17,1, cuja temática central é o julgamento de Babilônia, a grande meretriz. Trata-se aqui de uma figura de linguagem que o autor utiliza para fazer referência à cidade de Roma. Ao longo do capítulo 17 faz-se uma descrição de quem é a grande meretriz (17,6.9), diz-se que vai vestida de joias e prostituição (17,3-4). Ainda dela se diz que está *embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus* (17,6), em alusão à perseguição sofrida pelas comunidades naquele período. O capítulo conclui com a afirmação: *a mulher que viste é a grande cidade que domina sobre os reis da terra* (17,18).

Por sua vez, do capítulo 18,1 até 19,10 encontramos quatro cânticos, a saber: 18,1-3, anúncio da queda de Babilônia; 18,4-8, onde se clama vingança pelos males cometidos; 18,9-24, contendo o lamento dos admiradores de Babilônia pela sua queda; e 19,1-10 onde celebra-se a vitória do julgamento de Deus sobre a grande meretriz.

O texto inicia-se com a expressão: *depois destas coisas* (19,1a), indicando assim o início de um novo cântico. Contudo, não há uma ruptura em termos temáticos e nem tampouco de cenário. Por sua vez a conclusão do texto está marcada pelos versículos 9 e 10. A partir de 19,11 percebemos que o texto passa a descrever uma visão, o que evidencia, que marca uma certa ruptura em termos temáticos e de cenário.

No v. 1a faz-se referência a *uma como grande voz de numerosa multidão*. Trata-se do anúncio de algo majestoso, o qual parece indicar o momento seguinte ao julgamento de Babilônia, como se a notícia estivesse ainda correndo. Por isso, logo em seguida (v. 1b), temos o começo de uma doxologia, que vem precedida pelo *Aleluia*, o qual, por um lado, indica o caráter litúrgico ou celebrativo, por outro lado, possui um caráter exortativo, é o convite ao louvor. Por sua vez o restante do v. 1 e todo o v. 2 podem ser vistos como a resposta dada a esta exortação. Louva-se a Deus, porque *salvação, glória e poder* lhe pertencem e se manifestaram plenamente no julgamento da grande meretriz, razão última do louvor. Há ainda uma referência ao *sangue dos seus*

servos, que fora vingado. Associamos, aqui, esta expressão ao testemunho dado pelos cristãos em meio às perseguições¹⁸, uma vez que era a grande meretriz que tinha em suas mãos este sangue que será vingado.

Uma segunda voz (v. 3), como que em eco, confirma ainda o julgamento feito, pois *sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos*. A fumaça faz-nos lembrar da destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19,28), mas também lembra-nos do ano 64 dC, quando Nero colocou fogo na cidade, de modo a justificar a ulterior perseguição de cristãos e judeus. Se em 64 dC a destruição foi obra humana e a cidade novamente ergueu-se, desta vez, ela é consequência da ação divina e tem ainda um caráter definitivo¹⁹.

Após estas duas vozes, faz-se referência aos vinte quatro anciãos e aos quatro animais (v. 4), cuja atitude consiste em prostrar-se em adoração. A imagem apresentada parece vir a reforçar o caráter litúrgico daquilo que está sendo celebrado e ao mesmo tempo confirmar a salvação, glória e poder de Deus, à qual faz referência o v. 2. Cabe, ainda, lembrar que os vinte e quatro anciões representam a antiga aliança e os quatro seres a criação (natureza). Parece, portanto, que dada a importância do julgamento de Babilônia, o louvor não deve resumir-se apenas ao âmbito celestial, mas contemplar a criação em sua totalidade.

O v. 5, por sua vez, faz referência a *uma voz do trono*, a qual faz uma nova exortação ao louvor. Parece que este versículo constitui como que um divisor de águas, passando a indicar o início de um novo momento e de um novo cenário.

A resposta a este convite será dada no v. 6, quando se ouve *uma como voz de numerosa multidão, como de muitas águas e como de fortes trovões*. Esta mesma expressão é usada em 14,2 para fazer referência aos *cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra* (14,3). Neste sentido, poderíamos imaginar que se trata aqui de uma mudança de cenário ou pelo menos de uma ampliação deste, passando a contemplar agora a terra.

Há também uma ampliação no que se refere à temática, uma vez que o motivo de louvor deve-se, agora, ao fato de que *são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou* (v. 7). Ora, esta ampliação se constitui num prenúncio do que

18. No período específico de formação do livro do Apocalipse (90-110 dC) o império romano conheceu três imperadores, a saber: a) *Domiciano* (81-96 dC) cujo governo teve um caráter despótico e tirânico, condenando à morte todo aquele que lhe oferecesse qualquer tipo de oposição. Durante o seu governo é que se estabeleceu a obrigatoriedade do culto ao imperador; b) *Nerva* (96-98 dC) realizou um governo de transição, apaziguando as relações com o senado, que estavam bastante tensas no período anterior. Nomeou Trajano como governador da Germânia Superior, declarando-o, também, herdeiro do trono. Assim, em 98 dC quando Nerva morre, Trajano é reconhecido como imperador; c) *Trajano* (98-118 dC), cujo governo pode ser dividido em dois momentos. No primeiro momento percebe-se certa aproximação com o povo, especialmente das camadas mais pobres para o qual organizou um programa que vinha auxiliá-las na alimentação. No segundo momento, caracterizado como de conquista, origina-se todo um massacre, incluindo não judeus. Provavelmente, Apocalipse 13, que descreve o modo como o Império se valia da religião para oprimir e dominar o povo, e Apocalipse 18, que descreve como os grandes deste mundo aumentam a sua opulência, sejam um vivo retrato desse período.

19. O texto em si não fala em destruição da cidade, contudo, podemos imaginar tal situação a partir do anúncio feito em 18,21, o qual ao mesmo tempo apresenta uma dificuldade, pois afirma que a cidade será afundada no mar. Se for assim, como então falar que *a fumaça sobe pelos séculos dos séculos*? A nossa ideia é de que se trata aqui de uma nova imagem, que vem confirmar a eliminação de Babilônia, como símbolo do mal vigente naquele período, a qual uma vez destruída dará lugar a irrupção da *nova Jerusalém*, da qual haverá de se falar em 21,2.

há de vir, no sentido de uma vitória definitiva da glória, poder e salvação de Deus ou do seu juízo definitivo sobre o mal e irrupção de novos céus e nova terra, conforma anunciado nos capítulos 20 e 21.

Agora, quem se veste de *linho finíssimo, resplandecente e puro* (v. 8) é a *nova Jerusalém* (21,2). Ainda estas vestes não estão constituídas pela riqueza nem são fruto da opressão sobre o povo, mas *são os atos de justiça dos santos* (v. 8). Há, portanto, uma clara referência à comunidade, enquanto testemunhas vivas da justiça e em oposição ao poder despótico do Império.

Após este segundo momento de louvor, a perícopes encerra-se com os versículos 9 e 10. No começo do v. 9 aparece a imagem de um anjo, o qual traz consigo um novo anúncio, expresso nas seguintes palavras: *Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do cordeiro*. Ora, a expressão *bem-aventurados* cumpre aqui um papel importante, na medida em que permite estabelecer uma unidade com o conjunto do livro. De fato, o termo *bem-aventurados* aparece citado sete vezes (1,3; 14.13; 16.15; 20.6; 22.7; 22.14).

Por sua vez, o termo *escreve*, que precede esta bem-aventurança parece dar destaque a duas questões fundamentais: a primeira, de conservar a memória do que fora visto e ouvido. A segunda, de confirmação, ou certeza daquilo que a seguir é anunciado.

Já o v. 10 mantém relação direta com a passagem de 22,8-9, a qual é uma variante deste. Um outro elemento, ainda, que não pode passar despercebido neste versículo diz respeito à adoração. Quem está narrando é impelido a prostrar-se perante o anjo *para adorá-lo*. Seria isto um sinal de que ainda alguns traços da opressão foram assumidos pelo narrador? Ou estaria na verdade rompendo-se aqui com certo imaginário religioso que coloca a imagem dos anjos como a de seres superiores aos seres humanos? Talvez, a segunda perspectiva seja mais verossímil. Neste sentido, estaria superando-se a idéia de uma hierarquia na criação. Isto viria a ser confirmado pela reação do anjo: *Vê, não faças isso, sou conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus*.

Ainda, a segunda parte desta reação é muito precisa, no sentido de indicar que a adoração deve-se somente a Deus. Este parece ter sido o modo de reafirmar ou confirmar que a atitude sustentada pelas comunidades, de não prestar culto ao imperador, está correta.

O versículo encerra afirmando que *o testemunho de Jesus é o espírito da profecia*, que se vinculada com a afirmação de 22,10, *Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo*, apresentam um indicativo do objetivo deste cântico assim como do conjunto da obra de Apocalipse, a saber: encorajar as pessoas em meio aos sofrimentos e perseguições.

2.3. Uma vitória real ou meramente imaginária?

Após a análise dos diferentes versículos que compõem a perícopes escolhida, cabe-nos perguntar em que medida a passagem constitui a narrativa de uma vitória

realmente possível ou se, na verdade, ela representa apenas uma vitória meramente imaginária.

Para responder a este questionamento, permitimo-nos olhar para a mesma no seu conjunto e a partir de alguns elementos específicos no que diz respeito ao aspecto literário da mesma.

Assim, a primeira constatação a ser feita diz respeito ao estilo literário. Em Apocalipse 19,1-10 defrontamo-nos com a conjunção de dois gêneros literários diferentes. O primeiro deles é o gênero apocalíptico, que, como fora visto, caracteriza-se por apresentar uma linguagem velada, marcada por diferentes simbologias e na qual o próprio tempo é trabalhado de maneira diferente. Especificamente, a narrativa vai valer-se destes recursos para falar especificamente do império romano:

a) No jogo entre passado e futuro, Apocalipse 19,1-10, pode apresentar como fato dado o julgamento da grande meretriz e, por esta mesma razão, apresentar um hino no qual se celebra este julgamento e a vitória do poder de Deus (19,1-3).

b) A celebração desta vitória é um acontecimento grandioso, o qual vem revelado pelo caráter que têm as diferentes vozes: *de numerosa multidão* (19,1.6), *como de muitas águas e de fortes trovões* (19,6).

c) Fala-se em: *grande meretriz* (19,2), *anciões e seres viventes* (19,4), *cordeiro e esposa* (19,8-9), *anjo* (19,9). Trata-se, pois, de imagens que a seu modo expressam ou representam a realidade em que as pessoas, a quem o texto se destina, estão inseridas. Ao mesmo tempo é uma linguagem velada, no sentido de que somente a comunidade conhece o seu significado.

d) O caráter profético aparece claramente evidenciado, quando se assinala os crimes cometidos por Babilônia: prostituição (que na Bíblia aparece como sinônimo de idolatria) e morte (19,2). A estes crimes pode-se assinalar a acumulação, destacado em capítulos anteriores (17,4; 18,12.15-16), sede de poder e manipulação deste (17,2; 18,3). Mas tudo isto aparece ao mesmo tempo oculto, pois em momento algum diz estar falando explicitamente de Roma, referindo-se a ela como a *grande meretriz* (19,2).

Por sua vez, o segundo gênero literário é o dos cânticos e hinos. Neste sentido, Apocalipse 19,1-10, situa-se dentro do âmbito das celebrações cultuais realizadas pelas comunidades cristãs daquele período. Assim, o modo como as vozes adquirem destaque, bem como a sequência das mesmas deixam transparecer esta ideia.

O próprio modo como no texto grego as vozes são apresentadas também nos lembra dos hinos e salmos: as vozes, em si, são colocadas em separado do restante da narrativa. Deste modo, o hino consegue evocar uma força que anima a quem o proclama ou para o conjunto da comunidade que ouve a sua proclamação, cumprindo assim o seu objetivo primeiro, a saber, o de suscitar a resistência da comunidade diante da perseguição e da morte.

Se esse objetivo estiver certo, podemos então afirmar que o texto de fato, comporta dentro de si, os elementos necessários e capazes de suscitar no seio da comunidade um testemunho firme e corajoso, apesar de que isso possa, ainda, custar algumas vidas.

O sentido da história, por sua vez, passa a ser desvelado, ou revelado, nesse jogo dialético das palavras, de modo que as comunidades percebem que o triunfo do Império constitui, na verdade, uma realidade passageira, e que o *fim está próximo* (Ap 22,10), enquanto realização das promessas e afirmação da ‘soberania’ de Deus. Por isso, resulta significativo proclamar a salvação, a glória e o poder de Deus (19,1), celebrar o julgamento da grande meretriz (19,2) na certeza de que esse julgamento é para sempre (19,3) e, além disso, abre caminho para um tempo novo, *porque são chegadas as bodas do Cordeiro* (19,7).

No obstante, quando olhamos para o decorrer da história percebemos que na verdade aquilo que as comunidades esperavam nunca chegou a acontecer. Além disto, nem as comunidades cristãs, nem o conjunto do povo, conseguiram organizar uma forma de resistência e de revolução popular capaz de contrapor-se de maneira radical ao Império e vencê-lo.

Para compreender esta limitação e não cairmos numa análise superficial, permitimo-nos apontar para os elementos que propiciariam uma mudança radical, como aquela celebrada em Apocalipse 19,1-10. Assim, mister se faz considerar que:

[...] não há dúvida de que a revolução é impossível sem uma situação revolucionária, mas nem toda situação revolucionária conduz a uma revolução. Quais são, de maneira geral, os indícios de uma situação revolucionária. Estamos certos de não nos enganarmos se indicamos os três pontos principais que seguem: 1) impossibilidade para as classes dominantes manterem a sua dominação de forma inalterada; crise da “cúpula”, crise da política da classe dominante o que cria uma fissura através da qual o desdobramento e a indignação das classes oprimidas abrem caminho. Para que a revolução estoure não basta, normalmente, que ‘a base não queira mais’ viver como antes, mas é necessário também que ‘a cúpula não consiga mais’ viver como antes; 2) agravamento extremo da miséria e da angústia das classes oprimidas; 3) desenvolvimento acentuado, em virtude das razões acima indicadas, da atividade das massas, que se deixam pilhar tranquilamente nos períodos ‘pacíficos’, mas que, em períodos agitados são impelidas, tanto pela crise no seu todo como pela própria ‘cúpula’, para uma ação histórica independente²⁰.

A situação vivida pelas comunidades cristãs, bem como o conjunto das províncias conquistadas pelo império romano, era de extrema opressão, o qual se expressava no modo de produção escravista, que por sua vez desdobrava-se na cobrança de tributos, na chamada *pax romana* e no culto ao imperador.

Observando com atenção, para a o conjunto da perícopie analisada anteriormente, podemos perceber que a mesma tinha por objetivo suscitar a resistência no seio das comunidades cristãs; resistência perante o fato concreto de que a perseguição estava custando a vida de muitas pessoas.

20. Vladimir Ilitch LÊNIN. *A falência da II Internacional*. 1915. In: <http://www.moreira.pro.br/lenin.htm>

Ora, se é bem verdade que o texto cumpriu esta função num determinado período, podemos imaginar que ao mesmo tempo, a abordagem feita por Apocalipse resulta um tanto quanto inoperante. Isto se deveu ao fato de que não estavam dadas as condições materiais específicas para a superação do sistema vigente.

Em outras palavras:

- a) O modo de produção escravista e a dominação romana continuaram a vigorar por um longo período;
- b) Uma insurreição popular, que tivesse condições de se contrapor ao poder imperial, era impossível, pois as condições materiais objetivas para que isso acontecesse não estavam dadas;
- c) A estrutura mesma do Império, apesar dos seus problemas internos, apresentava-se coesa, impedindo, portanto, o levante das massas. Ou seja, o poder imperial ainda tinha condições de exercer o seu domínio sem dificuldade e sem a necessidade de mudanças radicais no sistema.

A partir das considerações, acima citadas, podemos dizer que a vitória ou julgamento de *Babilônia* (ou Roma, se assim o preferirem), conforme narrado no cap. 18 de Apocalipse, não constitui e nem constituiu um fato iminente, conforme esperado pelas comunidades cristãs da terceira geração.

A não realização daquilo que vinha anunciado, com o decorrer do tempo pode ter se tornado, na verdade, num empecilho para as comunidades, que bem podem ter caído numa situação de desânimo. O uso, de um cântico como o de Apocalipse 19,1-10, embora exalte que *a salvação, e a glória, e o poder são de nosso Deus* (19,1), torna-se um elemento de alienação²¹ e fuga perante o próprio sofrimento enfrentado.

Decorrente, disso, poderíamos inclusive nos perguntar se a aliança entre o cristianismo e o Império, ocorrida no século III, não representa o testemunho concreto de que um conjunto significativo de comunidades cristãs renunciou à resistência profética, por não verem alternativas reais de superação do sistema.

3. Revolução e festa na terra... talvez, também no céu...

Os séculos foram passando até chegarmos aos nossos dias, nos quais a humanidade encontra-se submetida à dominação capitalista, cujo alicerce é a propriedade privada dos meios de produção e a exploração da força de trabalho, mecanismo fundamental para a obtenção da mais valia e do lucro.

Enquanto sistema econômico, o capitalismo atravessou diferentes fases até chegar a sua fase superior, a saber, o imperialismo. Nas palavras de Lênin:

o capitalismo só se transformou em imperialismo capitalista quando chegou a um determinado grau, muito elevado, do seu desenvolvimento, quando algumas das características fundamentais do capitalismo começaram a transformar-se na

21. Observe-se que o cântico, em si mesmo, não é um elemento de alienação, mas torna-se um elemento de alienação na medida em, como fora assinalado, não estavam dadas as condições materiais objetivas para uma mudança no sistema.

sua antítese, quando ganharam corpo e se manifestaram em toda a linha os traços da época de transição do capitalismo para uma estrutura econômica e social mais elevada²².

Assim como no passado, também hoje a classe trabalhadora procura libertar-se deste sistema, para o qual é preciso o acirramento das contradições e a organização enquanto classe. Em meio a esse processo, e perante diferentes formas de exploração, perseguição e morte, fez-se necessário garantir novas formas de resistência, e ao igual que no passado, foram surgindo hinos e cânticos, de modo a manter viva a luta e a memória.

Como exemplo, resgatamos um cântico popular da resistência italiana, intitulado *Bella Ciao*, o qual retrata a resistência popular ao regime fascista italiano.

<p>Una mattina mi son svegliato, o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao! Una mattina mi son svegliato, e ho trovato l'invasore.</p> <p>O partigiano, portami via, o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao! O partigiano, portami via, ché mi sento di morir.</p> <p>E se io muoio da partigiano, o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao! E se io muoio da partigiano, tu mi devi seppellir.</p> <p>Me seppellire lassù in montagna, o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao! E seppellire lassù in montagna, sotto l'ombra di un bel fior.</p> <p>E le genti che passeranno, o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao! E le genti che passeranno, Mi diranno «Che bel fior!»</p> <p>«È questo il fiore del partigiano», o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao! «È questo il fiore del partigiano, morto per la libertà!»</p>	<p>Uma manhã, acordei Oh bela adeus, bela adeus, bela adeus, adeus, adeus Uma manhã, acordei E encontrei o invasor</p> <p>Oh guerrilheiro, leva-me embora. Oh bela adeus, bela adeus, bela adeus, adeus, adeus Oh guerrilheiro, leva-me embora. Pois sinto que vou morrer</p> <p>E se eu morro como guerrilheiro Oh bela adeus, bela adeus, bela adeus, adeus, adeus E se morro como guerrilheiro Você deve me sepultar</p> <p>Sepultar-me lá em cima, na montanha Oh bela adeus, bela adeus, bela adeus, adeus, adeus Sepultar-me lá em cima, na montanha Debaixo da sombra de uma bela flor</p> <p>E as pessoas que passarão Oh bela adeus, bela adeus, bela adeus, adeus, adeus E as pessoas que passarão E dirão: que bela flor</p> <p>É esta a flor do guerrilheiro Linda adeus, linda adeus, linda adeus, adeus, adeus “Esta é a flor do guerrilheiro Morto pela liberdade”</p>
---	---

22. Vladimir Ilitch Lênin. *Imperialismo: fase superior do capitalismo*. Cap. VII. In: .

Observando para as palavras deste hino – em comparação com aquele de Apocalipse – percebe-se que a linguagem da que se vale é direta e com profundo sentido político e de classe. Deste modo, evidencia-se qual é o conflito bem como os objetivos que se procura alcançar.

Uma outra característica, diz respeito ao sentido de pertença, enquanto classe, que eles suscitam. De modo geral, sabe-se, que se está frente a um hino de resistência, ou diante de um cântico popular. Ao mesmo tempo, quem os entoia o faz sentindo-se comprometido com aquilo que está sendo proclamado a viva voz.

A primeira vista, poderia alguém pensar que, diante da presença do inimigo, quem está cantando tem o desejo de fugir. Não obstante, ser levado embora tenha a conotação do engajamento na luta, o que vem confirmado nas estrofes seguintes, quando quem canta assume-se como guerrilheiro.

Há, portanto, um profundo sentido de entrega, de modo que a luta, mesmo saindo vencido, não terá sido em vão, mas de algum modo terá contribuído para mudar concretamente a situação de opressão. Assim, ao evocar estas palavras, faz-se memória da vida, luta e do sangue derramado por tantos companheiros e companheiras que vieram antes...

Como conclusão, podemos afirmar que hinos e cânticos, por vezes de maneira direta, por vezes velada, contêm dentro de si um potencial libertador, que ajuda a classe a se manter em pé, suscitando-a para a organização, de modo a criar as condições materiais objetivas que possibilitem à própria classe assumir o poder, rompendo radicalmente com o modelo estabelecido e construindo, em conjunto uma sociedade, que não mais alicerçada nos valores do capital.

Esta construção, ainda está em processo, em gestação e precisa do esforço de cada uma e de cada um de nós, precisa do nosso corpo, do nosso tempo, dos nossos valores, da nossa luta, para um dia vermos triunfar a revolução...

*Y entonces habrá fiesta
y manos cálidas, llenas de ternura
corazón abierto, vida compartida,
intensamente comprometida,
sonrisa sincera y relaciones recriadas
que duran para siempre...*

Daniel S. Pereira
Alameda Barão de Limeira, 1141, ap. 54
Campos Elíseos
01202-002 SÃO PAULO, SP